

Impresso  
Especial

9912175140/2007-DR/PR  
IPARDES

...CORREIOS...



GOVERNO DO  
PARANÁ

SECRETARIA DE ESTADO  
DO PLANEJAMENTO E  
COORDENAÇÃO GERAL

ISSN 0102-0374

# Análise Conjuntural

## IPARDES

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

Curitiba, v.32, n.9-10, setembro/outubro 2010

### sumário

- 3 PRIORIDADES DA POLÍTICA ECONÔMICA PARA 2011  
Gilmar Mendes Lourenço
- 7 O COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE EM 2010  
Julio Takeshi Suzuki Júnior
- 11 TERRAS-RARAS E OUTROS MINERAIS VALIOSOS  
Guilherme Amorim
- 14 PARANÁ – DESTAQUES ECONÔMICOS  
Guilherme Amorim
- 17 ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

Rua Máximo João Kopp, 274 - Bloco 1 - CEP 82630-900 - Santa Cândida - Curitiba-PR - Tel.: (41) 3351-6335 - Fax: (41) 3351-6347

Internet: <http://www.ipardes.gov.br> E-mail: [ipardes@ipardes.gov.br](mailto:ipardes@ipardes.gov.br)

**GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ**

ORLANDO PESSUTI - Governador

**SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL**

ALLAN JONES DA SILVA - Secretário

**INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL**

MARIA LÚCIA DE PAULA URBAN

*Diretora-Presidente*

NEI CELSO FATUCH

*Diretor Administrativo-Financeiro*

GRACIA MARIA VIECELLI BESEN

*Diretora do Centro de Pesquisa*

DEBORAH RIBEIRO CARVALHO

*Diretora do Centro Estadual de Estatística*

THAÍS KORNIN

*Diretora do Centro de Treinamento para o Desenvolvimento*

**ANÁLISE CONJUNTURAL**

JULIO TAKESHI SUZUKI JÚNIOR (*Editor*)

**Equipe**

GILMAR MENDES LOURENÇO (*Economista*)

GUILHERME AMORIM (*Economista*)

**EDITORAÇÃO**

MARIA LAURA ZOCCOLOTTI (*supervisão editorial*)

ESTELITA SANDRA DE MATIAS (*revisão de texto*)

ANA BATISTA MARTINS (*editoração eletrônica*)

DORA SÍLVIA HACKENBERG (*normalização bibliográfica*)

STELLA MARIS GAZZIERO (*projeto gráfico*)

Decorridos 25 anos desde o começo da redemocratização brasileira, contados outros 21 anos a partir do regresso da prática de escolhas diretas para o cargo de presidente da República, e completados 18 anos do *impeachment* de Fernando Collor de Mello, o Brasil realizou, no ano de 2010, o maior pleito eleitoral de sua história, em um ambiente blindado por indiscutível estabilidade institucional e econômica.

A prova disso repousa no fato de que as principais peças da política econômica do País permaneceram intactas durante o calendário político. Mais que isso, os complexos assuntos a elas subjacentes, particularmente as opções de políticas públicas, foram, de maneira absoluta e proposital, excluídos dos embates travados entre os principais concorrentes, nas diferentes esferas de confrontos.

Na visão dos meios especializados, a ausência da discussão econômica, no tempo eleitoral, atestaria a construção de um arsenal de resistência a choques externos e anomalias internas, por parte do sólido núcleo da orientação macroeconômica, constituído pelo regime de metas de inflação com câmbio flutuante e acumulação de reservas em dólares.

A interpretação otimista da lacuna constatada, ao lado da maturação da democracia, retratada em confrontos eleitorais entre agremiações detentoras de perfis e experiências gerenciais, teria ensejado ao governo a tentativa de maximizar a conquista de dividendos políticos e forçado os personagens da coligação de oposição à preparação de mensagens críticas com redobrada cautela.

A compreensão ampla desse fenômeno exige o reconhecimento de que, em menos de quatro anos, o produto interno bruto (PIB) potencial brasileiro, definido como o teto de crescimento econômico desprovido de pressões inflacionárias, subiu de 3,5% ao ano para 4,5% a.a., com variação estimada de 3,5% a.a. entre 2003 e 2009 e de mais de 4,0% a.a. entre 2003 e 2010, quando inserido o excepcional acréscimo de 7,6% para o corrente ano projetado pelo Banco Central (BC), o maior desde 1986, fruto dos efeitos do Plano Cruzado.

É claro que se trata de desempenho bastante inferior aos padrões históricos preva- lecentes no País, desde o pós 2.<sup>a</sup> guerra mundial até o final dos anos 1970, e à média das nações emergentes, a ponto de ainda não perder o incômodo rótulo de “voou da galinha”. Mas, representa uma alteração, embora moderada, de patamar de expansão, especialmente quando confrontado com os incrementos contabilizados entre 1995 e 2002 (2,5% a.a.) e no decorrer das derradeiras duas décadas do século passado (2,3% a.a.), marcadas, respectivamente, pela exaustão do modelo de substituição de importações e travessia para a globalização mais estabilização monetária.

Na verdade, o atual curso ascendente da economia brasileira traduz o encaixe pleno do País, ainda que com algum retardo temporal, na etapa de maior expansão do comércio mundial dos últimos 40 anos, experimentada a partir de 2002. Em grande medida, a boa performance é resultado da maturação dos investimentos e/ou das reestruturações técnicas e patrimoniais feitas desde os anos 1990, particularmente nos ramos de exploração mineral, prospecção de petróleo em alto mar e agronegócio tropical.

Adicionalmente, o círculo virtuoso foi otimizado, a partir do final de 2005, pelo revigo- ramento do mercado interno, amparado na recuperação da massa de salários (emprego formal e rendimentos reais) e do montante de crédito, inclusive com a disseminação da modalidade em consignação (com desconto em folha), que, por exibir menor risco, passou a responder pela maior fatia dos empréstimos pessoais contratados.

Esse processo de restauração dos contornos expansivos foi interrompido tempora- riamente, entre o 4.<sup>o</sup> trimestre de 2008 e o 1.<sup>o</sup> trimestre de 2009, por conta dos impactos da crise do *subprime*, que eclodiu nos Estados Unidos (EUA) com a quebra do banco de investimentos Lehman Brothers, e retomado a partir de abril de 2009. O reerguimento aconteceu em resposta às medidas monetárias (compensação da insuficiência de crédito

\* Economista, técnico da equipe permanente desta publicação, coordenador do Curso de Ciências Econômicas da FAE - Centro Universitário.

externo por interno, ancorada nas ações dos bancos públicos) e fiscais (redução do imposto sobre produtos industrializados na compra de alguns bens de consumo duráveis e materiais de construção).

Os resultados mais palpáveis do episódio de renovação do vigor econômico podem ser expressos pela redução da vulnerabilidade externa do País, em virtude da zeragem contábil da dívida externa, produzida pelos saldos positivos nas transações correntes e pela política de multiplicação de reservas; obtenção da classificação grau de investimento, conferida pelas agências internacionais de avaliação de risco; declínio da desigualdade na apropriação da renda e da pobreza; e acentuação da mobilidade social.

Cumprido ressaltar que o alcance de montante de reservas internacionais superior a US\$ 280,0 bilhões, em outubro de 2010, possui custo elevado, estimado em US\$ 25,0 bilhões por ano, equivalente a 1,5% do PIB, ou 50,0% superior ao valor dos investimentos públicos orçados para 2010. Isso se deve à diferença financeira entre a remuneração das aplicações das reservas, em papéis de nações avançadas, a juros internacionais (2,5% a.a.), e o preço de captação das mesmas, orientado pelas taxas selic (10,75% a.a.).

---

*O argumento de que o estoque de reservas internacionais, em poder do Banco Central, não constituiria um problema, parece pouco defensável*

---

A tese de que o estoque de recursos em moeda forte, em poder do BC, não constituiria um problema, pois representaria apenas 13,0% do PIB, contra 34,0% na Coreia do Sul, 40,0% na China e 50,0% na Suíça, parece pouco defensável em razão dos enormes montantes de poupança interna e do reduzido hiato entre os juros internos e os de captação vigentes naqueles países.

É preciso sublinhar que a performance positiva das séries recentes da maioria dos indicadores econômicos e sociais evidencia a colheita de ativos, cujas sementes foram plantadas no transcorrer dos últimos dois decênios e meio. Dentre eles destacam-se as alterações institucionais e regulatórias expressas na liberalização comercial e financeira, na flexibilização dos monopólios de petróleo e telefonia, na desinflação, nas leis de responsabilidade fiscal, de falências e do crédito imobiliário, na criação e proliferação dos mecanismos de seguridade e inclusão social, mediante as iniciativas oficiais de transferência de renda e a valorização do salário mínimo.

Contudo, é prudente considerar três ordens de arestas a serem aparadas em curto e médio prazo, a saber: a premência em escapar da letargia do comodismo, ocasionada pela evolução econômica presente; as limitações à alta longevidade dos modelos de expansão calcados em elevado consumo doméstico (público e privado), déficit externo e reduzidos níveis de poupança endógena; e o caráter inevitável da administração de algumas restrições às fontes de dinamismo do País depois de 2010.

No *front* externo, é perceptível a conjugação entre fartura de liquidez para tomadores de qualidade, contração do ritmo de expansão da produção e do consumo das economias avançadas, enroscadas em enormes dívidas públicas e privadas, e prosseguimento do crescimento dos mercados emergentes e, conseqüentemente, geração de pressões altistas nos preços das *commodities*.

Nos limites do mercado interno, o já mencionado explosivo incremento do PIB, registrado em 2010, que exauriu as margens de ociosidade de utilização do ativo fixo do setor industrial, acumuladas durante a crise, não deve ser transferido inercialmente para o ano seguinte, em razão do ainda reduzido patamar de investimentos em nova capacidade produtiva.

Por isso, é preciso apostar na disponibilidade de estoque de capital político, por parte do novo governo, para a execução de um desvio do eixo da gestão econômica, mediante a combinação entre a preservação das variáveis de estabilização e a incorporação das tarefas de lubrificação dos parâmetros de crescimento.

Em resumo, deve-se privilegiar, de maneira concatenada, o aprimoramento do ambiente de negócios, a promoção das reformas microeconômicas (tributária, fiscal, previdenciária, administrativa, trabalhista etc.) e a elevação da taxa de investimento, sobretudo em infraestrutura,

particularmente na desobstrução dos gargalos em transportes (portos, aeroportos, rodovias, ferrovias, acessos e transposições urbanas), nos quais a retaguarda física mostra-se inferior aos crescentes requerimentos da demanda (qualitativa e quantitativa).

Nesse sentido, soa imprescindível a compressão do custo do capital no Brasil, através de uma abrangente reforma financeira que promova maior competição entre os bancos e recuo do preço do dinheiro. De acordo com o BC, cinco bancos (Banco do Brasil, Itaú, Bradesco, Santander e Caixa Econômica Federal) respondem por mais de 85,0% dos depósitos no País.

Os juros básicos reais brasileiros, os maiores do mundo – empregados para a rolagem de uma dívida, superior a R\$ 1,4 trilhão, de um governo que absorve mais da metade dos recursos captados pelos bancos –, encarecem o custo final do crédito, restringem a capacidade de investimento público e tornam volátil a atual trajetória de evolução do consumo privado movido a prazo.

Inferências do Ministério da Fazenda denotam que o rendimento nominal anual do capital especulativo no Brasil é o 3º maior do mundo. As aplicações de curto prazo pagam 14,5% a.a., ficando atrás apenas da África do Sul (18,2% a.a.) e da Austrália (15,8% a.a.). Estimativas do BC revelam que 13,3% e 10,5% dos rendimentos mensais das famílias brasileiras estariam comprometidos com o pagamento dos juros e do principal dos seus passivos, respectivamente, totalizando 23,8% contra 17,0% nos EUA.

Também segundo o BC, o volume médio de dívidas do brasileiro corresponderia a 40,0% da renda anual, *versus* 128,0% nos EUA, a inadimplência (atraso nos pagamentos superior a 90 dias) estaria em 6,2% do total de débitos contra 5,6% nos EUA, e o número de habitantes com dívidas superiores a R\$ 5,0 mil passou de 10,0 milhões em 2005 para 25,7 milhões em 2010.

É fundamental também a recomposição criteriosa das condições de equilíbrio das finanças públicas. A União compromete 80,0% do orçamento com dispêndios correntes (pessoal, encargos e previdência), 15,0% com o serviço da dívida e menos de 2,0% com investimentos. Desde fins de 2008, as ações anticíclicas oficiais e o atendimento dos interesses eleitorais provocaram relaxamento do ajuste fiscal e diminuição do superávit primário para abaixo da meta de 3,3% do PIB, tida como piso para a manutenção da dívida líquida e do déficit público nominal em linha cadente. A frustração das metas foi ofuscada em face do oportuno auxílio da capitalização da Petrobras e das operações cruzadas com o BNDES.

---

*As sensíveis alterações registradas na pirâmide etária brasileira tornam o déficit da Previdência uma verdadeira bomba-relógio de efeito retardado*

---

Para complicar, as sensíveis alterações registradas na pirâmide etária brasileira, fruto da redução das taxas de fecundidade e do incremento da expectativa de vida da população, tornam o déficit da previdência social, e dos regimes próprios dos servidores públicos na órbita federal, calculado em mais de R\$ 100,0 bilhões para 2010, uma verdadeira bomba-relógio de efeito retardado. Projeções do IBGE mostram que as pessoas com mais de 65 anos passarão de 6,8% do total da população em 2010 para 13,3% em 2030.

Afigura-se prioritária a recuperação do dinamismo exportador do País, especialmente em produtos manufaturados. A apreciação do câmbio, ao lado da excessiva burocracia, juros altos, precariedade infraestrutural, elevada carga tributária e ausência de ampla retaguarda em Ciência e Tecnologia, vêm combalindo a competitividade sistêmica do País.

Por extensão, prejudica-se a viabilização de programas de substituição de importações e a inserção externa das empresas brasileiras e permite-se o reaparecimento e a intensificação dos déficits em transações correntes (pelo deslocamento do consumo no sentido da oferta importada), que podem ser cobertos com a impulsão dos fluxos de investimentos diretos estrangeiros ou revertidos por fatores exógenos, como os desdobramentos financeiros e comerciais do aprofundamento da contenção fiscal na periferia europeia.

Em outras palavras, delinea-se premente a substituição do mecanismo de correção dos desníveis entre o incremento agregado do consumo (famílias e governo) e dos investimentos e a oferta interna. A realização de volumes crescentes de compras externas deve dar lugar ao abrandamento do ritmo de acréscimo do consumo privado e, notadamente, público.

Nessa perspectiva, o não aborto da reativação econômica movida a consumo das famílias reserva papel proeminente à política fiscal em 2011, especialmente quanto às decisões sobre o valor do novo salário mínimo, que deveria estar ligado à variação do PIB de dois anos antecedentes (-0,2%), mas que poderá ser acordado entre governo e representantes das centrais sindicais, e aos movimentos por multiplicação de despesas acopladas notadamente aos arranjos da campanha eleitoral do 2.º turno.

São necessárias a redução da carga e a simplificação do sistema tributário brasileiro, essencialmente regressivo, com enorme participação de impostos indiretos, que, ao penalizar a base, com renda estreita e destinada ao consumo, deprime os orçamentos da população menos aquinhada e minimiza a participação da renda e do patrimônio. O imposto de renda representa 7,0% da arrecadação de impostos no Brasil contra 15,0% nas nações avançadas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), o brasileiro trabalha hoje 148 dias por ano para pagar impostos e contribuições federais, estaduais e municipais, contra 76 dias na década de 1970.

A passagem do patamar da carga de 25,0% do PIB, no começo dos anos 1990, encoberto pela superinflação, para mais de 36,0%, atualmente, decorreu da criação e ampliação da abrangência de um conjunto de contribuições federais cumulativas, incidentes sobre a folha de pagamento e o faturamento das empresas, e sobre o consumo de bens e serviços, não partilhadas com estados e municípios por não integrarem o fundo de participação.

Para complicar, algumas simulações, feitas mediante comparações entre a renda *per capita* de países em desenvolvimento, atestam que a capacidade de suporte da sociedade brasileira para o pagamento de tributos corresponderia a 25,0% do PIB. Isso significa que as contribuições criadas estariam compondo um tipo de excedente expropriado pelo Estado dos atores privados (empresas e consumidores).

Por fim, é vital focar as variáveis educação e inovação, em face da absoluta incompreensão da necessidade de inserção estratégica do País na globalização produtiva na era da 3.ª revolução industrial ou mesmo pós industrial. O Brasil investe pouco mais de 1,0% do PIB em ciência, tecnologia e conhecimento, aplicada à produção com escala, contra 3,0% a 4,0% do PIB para as nações emergentes, o que se traduz na reduzida produção de pesquisas, desenvolvimento de produtos e patentes.

Em simultâneo, segundo o Ministério da Educação, os docentes que acumulam três ou mais disciplinas no ensino médio subiram de 7,0% para 21,5% do total entre 2006 e 2009. Na mesma direção, a evasão escolar da educação média passa dos 20,0% para a faixa da população entre 15 e 17 anos, e menos de 11,0% dos concluintes da modalidade de ensino médio ostentam os conhecimentos julgados minimamente adequados em matemática.

É fundamental a busca de formação de quadros técnicos e de nível superior para o suprimento das carências de pessoal e tecnológicas, que vão de engenheiros de petróleo a cientistas, o que, por seu turno, exigirá a implantação de instrumentos mais eficientes de avaliação da qualidade do ensino.

Sumariamente, esta seria a agenda. As conquistas anteriormente destacadas não mais conformam grandes trunfos políticos. Mesmo porque, para uma fração considerável da sociedade brasileira, a democracia e a estabilidade monetária já representam variáveis do cotidiano.

# O COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE EM 2010

Julio Takeshi Suzuki Júnior\*

Mesmo com um crescimento inferior ao das vendas externas brasileiras, as exportações paranaenses vêm apresentando resultados em 2010 que não deixam dúvida quanto à retomada do comércio do Estado com o exterior, subseqüentemente a uma forte queda registrada em 2009, devido à crise internacional. No acumulado dos nove primeiros meses do presente exercício, as exportações do Paraná somaram US\$ 10,7 bilhões, o que correspondeu a um acréscimo de 20,8% em relação a idêntico período do ano passado.

A expansão das vendas externas estaduais reflete sobremaneira a ampliação das receitas geradas pela soja em grão, pela carne de frango *in natura* e pelos automóveis, produtos que, em seu conjunto, responderam por 47,5% do acréscimo absoluto das exportações no intervalo em avaliação. Com incremento de 21,8%, o faturamento atinente à oleaginosa atingiu US\$ 2,2 bilhões, ante um valor de US\$ 1,8 bilhão no acumulado de janeiro a setembro de 2009 (tabela 1), o que deriva exclusivamente dos maiores volumes embarcados, uma vez que os preços em dólares da *commodity* encontram-se atualmente em patamares inferiores aos observados no exercício anterior.

TABELA 1 - EXPORTAÇÕES, SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - PARANÁ - JANEIRO A SETEMBRO 2009-2010

PRODUTO	JANEIRO-SETEMBRO 2009		JANEIRO-SETEMBRO 2010		VAR. (%)
	Valor (US\$)	Part. (%)	Valor (US\$)	Part. (%)	
Soja em grão	1 820 553 637	20,7	2 217 417 656	20,8	21,8
Carne de frango <i>in natura</i>	908 077 980	10,3	1 096 949 658	10,3	20,8
Automóveis	516 291 249	5,9	803 632 499	7,5	55,7
Farelo de soja	862 566 275	9,8	706 748 429	6,6	-18,1
Açúcar bruto	496 273 486	5,6	641 545 932	6,0	29,3
Papel	235 754 944	2,7	313 453 137	2,9	33,0
Cereais	265 822 033	3,0	294 629 571	2,8	10,8
Óleo de soja bruto	289 608 998	3,3	284 916 325	2,7	-1,6
Óleos e combustíveis para consumo de bordo	145 523 950	1,7	208 185 181	2,0	43,1
Autopeças	146 923 511	1,7	202 213 140	1,9	37,6
Madeira compensada ou contraplacada	152 767 829	1,7	198 098 570	1,9	29,7
Álcool etílico, não desnaturado	127 622 058	1,4	162 996 266	1,5	27,7
Café solúvel	143 060 373	1,6	156 020 566	1,5	9,1
Tratores	102 219 786	1,2	155 701 299	1,5	52,3
Madeiras e manufaturas de madeira diversas	92 163 457	1,0	144 765 429	1,4	57,1
Adubos e fertilizantes	96 443 463	1,1	132 368 095	1,2	37,2
Compressores e bombas	68 713 901	0,8	127 164 739	1,2	85,1
Couro	64 515 274	0,7	124 173 359	1,2	92,5
Veículos de carga	65 537 572	0,7	119 830 054	1,1	82,8
Partes de motores para veículos	66 092 100	0,7	108 182 981	1,0	63,7
Outros produtos	2 146 823 387	24,4	2 451 596 885	23,0	14,2
TOTAL	8 813 355 263	100,0	10 650 589 771	100,0	20,8

FONTE: MDIC-SECEX

NOTA: Elaboração IPARDES.

Como se sabe, o considerável aumento das quantidades de soja direcionadas ao mercado internacional, de 4,6 milhões de toneladas nos três primeiros trimestres de 2009 para 5,9 milhões em igual período de 2010, foi propiciado pela notável elevação da produção paranaense, que, por sua vez, decorreu da expansão do espaço reservado ao cultivo da leguminosa e do alto rendimento físico médio por unidade de área, assegurado principalmente pelas favoráveis condições climáticas. Segundo o Levantamento Sistemático da Produção

\* Administrador, coordenador do Núcleo de Estudos Macroeconômicos e Conjunturais do IPARDES.

Agrícola (LSPA) do IBGE, a produtividade da soja no Estado evoluiu 36% na safra 2009/2010, enquanto a área colhida avançou 10%, o que resultou em uma oferta recorde de 14,1 milhões de toneladas, volume 49,7% acima do registrado na temporada passada.

Em trajetória similar, as exportações de carne de frango *in natura* progrediram 20,8%, alcançando a marca de US\$ 1,1 bilhão. Com esse resultado, suplantado, no âmbito da pauta estadual, apenas pela cifra referente à soja em grão, o Paraná passou a encabeçar o ranking das unidades da Federação exportadoras da mercadoria, ocupando a posição de Santa Catarina, historicamente líder nas vendas ao exterior de carne de frango *in natura*.

Já a ascensão das exportações de automóveis é ainda mais proeminente, com o registro de receitas da ordem de US\$ 803,6 milhões no acumulado até setembro, representando aumento de 55,7% em comparação aos US\$ 516,3 milhões contabilizados em análogo espaço temporal de 2009. Tal trajetória pode ser imputada principalmente aos embarques com destino ao mercado latino-americano, notadamente ao México e à Argentina, países cujas compras de automóveis paranaenses totalizaram US\$ 121,8 milhões e US\$ 430,6 milhões, respectivamente, correspondendo a elevações de 226,8% e 155,7% em relação aos resultados do ano passado.

A propósito, é clara a recuperação das vendas totais para a Argentina, mercado que absorveu 11,1% das exportações do Estado de janeiro a setembro de 2010, participação muito superior ao peso relativo de 6,9% anotado há um ano (tabela 2). A evolução da representatividade comercial do país vizinho derivou do crescimento de 93,4% do valor global das mercadorias negociadas, a maior variação entre as principais nações compradoras de bens produzidos no Paraná.

TABELA 2 - EXPORTAÇÕES, SEGUNDO PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO - PARANÁ - JANEIRO A SETEMBRO 2009-2010

PAÍS DE DESTINO	JANEIRO-SETEMBRO 2009		JANEIRO-SETEMBRO 2010		VAR. (%)
	Valor (US\$)	Part. (%)	Valor (US\$)	Part. (%)	
China	1 153 664 032	13,1	2 149 719 906	20,2	86,3
Argentina	608 635 075	6,9	1 177 222 114	11,1	93,4
Alemanha	670 904 320	7,6	758 573 526	7,1	13,1
Holanda	587 390 642	6,7	448 198 103	4,2	-23,7
Estados Unidos	338 619 205	3,8	418 591 121	3,9	23,6
Paraguai	212 098 199	2,4	335 072 544	3,1	58,0
Rússia	167 822 879	1,9	295 998 682	2,8	76,4
Coreia do Sul	263 390 549	3,0	293 037 401	2,8	11,3
Arábia Saudita	196 146 155	2,2	245 653 478	2,3	25,2
França	344 467 674	3,9	234 947 720	2,2	-31,8
Itália	147 320 325	1,7	206 898 364	1,9	40,4
Japão	173 361 469	2,0	206 664 485	1,9	19,2
Índia	250 302 193	2,8	185 048 235	1,7	-26,1
Hong Kong	201 047 077	2,3	179 320 786	1,7	-10,8
Reino Unido	92 882 403	1,1	171 574 387	1,6	84,7
Outros países de destino	3 405 303 066	38,6	3 344 068 919	31,4	-1,8
TOTAL	8 813 355 263	100,0	10 650 589 771	100,0	20,8

FONTE: MDIC-SECEX

Entre os fatores explicativos dessa retomada, destaca-se a proeminente taxa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) que deverá ser registrada pela Argentina no encerramento do atual exercício. De acordo com projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), a segunda maior economia do Mercosul poderá avançar 7,5% em 2010, muito distante da inexpressiva taxa de 0,9% atingida em 2009.

Igualmente com alto dinamismo, as exportações para o Paraguai, Rússia e Reino Unido aumentaram 58,0%, 76,4% e 84,7%, respectivamente, o que levou a avanços consideráveis das participações desses países no total das vendas externas estaduais. Mas, mesmo assim, a liderança da China vem sendo ampliada, tendo em vista que a sua importância relativa como destino dos produtos locais saltou de 13,1% para 20,2%, em consequência da extraordinária elevação de 86,3% das receitas geradas pelos bens transacionados.



Nos primeiros nove meses de 2010, os embarques de mercadorias para a China renderam US\$ 2,1 bilhões, concentrando-se fortemente na soja em grão, que respondeu por 80,1% do total das vendas ao referido mercado. A seguir, em ordem decrescente de relevância na pauta das exportações destinadas ao país asiático, surgem o óleo de soja bruto, o açúcar bruto, o papel e a carne de frango *in natura*, corroborando o atual peso da economia emergente em questão como demandante de *commodities*, o que vem alterando não somente o comércio exterior paranaense, como também o perfil das exportações nacionais.

Mais precisamente, as significativas importações de bens não manufaturados pela China são uma das causas da “primarização” das vendas externas do Estado e do País, evidenciada pela evolução da participação dos produtos básicos no total exportado, concomitante ao declínio da representatividade dos industrializados. Além disso, as desfavoráveis relações de troca com a mencionada nação são comprovadas pela preponderância de itens de médio/alto conteúdo tecnológico entre as mercadorias chinesas que vêm sendo adquiridas, prevalecendo, especificamente no caso do Paraná, as importações de computadores e acessórios, materiais elétricos e eletrônicos e produtos químicos.

Tanto é assim que esses bens sobressaem na pauta geral das importações estaduais, que apresenta também importantes participações dos automóveis, autopeças e fertilizantes (tabela 3). Todavia, a relação das compras externas paranaenses é liderada pelo petróleo bruto, o que pode ser explicado pelas volumosas aquisições do combustível fóssil pela Refinaria Presidente Getúlio Vargas, localizada em Araucária, Região Metropolitana de Curitiba, de modo a viabilizar a produção de derivados em uma estrutura inadequada ao processamento exclusivo do pesado petróleo nacional, exigindo, portanto, a importação do insumo leve, de baixa acidez.

TABELA 3 - IMPORTAÇÕES, SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - PARANÁ - JANEIRO A SETEMBRO 2009-2010

PRODUTO	JANEIRO-SETEMBRO 2009		JANEIRO-SETEMBRO 2010		VAR. (%)
	Valor (US\$)	Part. (%)	Valor (US\$)	Part. (%)	
Óleos brutos de petróleo	921 344 743	13,8	1 134 563 769	11,5	23,1
Automóveis	617 871 297	9,3	778 354 390	7,9	26,0
Autopeças	419 091 721	6,3	667 496 636	6,8	59,3
Abugos e fertilizantes	491 783 876	7,4	532 983 017	5,4	8,4
Materiais elétricos e eletrônicos diversos	327 628 304	4,9	469 920 389	4,8	43,4
Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos diversos	340 401 275	5,1	468 730 375	4,7	37,7
Produtos químicos orgânicos	330 497 634	5,0	413 680 592	4,2	25,2
Plásticos e suas obras	225 998 259	3,4	340 963 584	3,4	50,9
Óleos e combustíveis	26 876 825	0,4	296 617 687	3,0	1 003,6
Veículos de carga	13 914 695	0,2	246 905 651	2,5	1 674,4
Produtos metalúrgicos diversos	162 043 997	2,4	222 751 641	2,3	37,5
Computadores e acessórios	215 402 447	3,2	211 172 960	2,1	-2,0
Produtos laminados planos de ferro ou aço	46 437 556	0,7	173 731 014	1,8	274,1
Compressores e bombas	92 077 302	1,4	172 393 719	1,7	87,2
Instrumentos, aparelhos de ótica e de precisão	129 691 726	1,9	161 502 089	1,6	24,5
Aparelhos para interrupção, proteção de energia, suas partes	65 813 895	1,0	151 266 473	1,5	129,8
Partes de motores para veículos	66 647 392	1,0	128 620 426	1,3	93,0
Cereais	171 824 943	2,6	125 702 543	1,3	-26,8
Produtos químicos diversos	108 344 767	1,6	122 203 294	1,2	12,8
Aparelhos elétricos para telefonia	42 851 331	0,6	113 681 621	1,1	165,3
Outros produtos	1 841 135 847	27,7	2 953 602 036	29,9	60,4
TOTAL	6 657 679 832	100,0	9 886 843 906	100,0	48,5

FONTE: MDIC-SECEX

NOTA: Elaboração IPARDES.

A supremacia do petróleo nas compras do Estado é responsável, inclusive, pela posição de destaque da Nigéria entre os países fornecedores (tabela 4), com uma participação de 10,1% do valor total importado no período janeiro-setembro de 2010. Assim como nas exportações, a China e a Argentina estão no topo da lista das economias que direcionam produtos ao

Paraná, alcançando pesos relativos de 14,1% e 12,6%, respectivamente, das importações globais no intervalo em análise, com taxas de crescimento de 61,6% e 34,8% em comparação a igual período de 2009.

No cômputo geral, as importações paranaenses avançaram 48,5% no acumulado deste ano, muito acima da variação registrada pelas exportações, o que é sintoma da exagerada apreciação cambial, tornando possível o registro de déficits comerciais nos exercícios anuais subsequentes.

TABELA 4 - IMPORTAÇÕES, SEGUNDO PRINCIPAIS PAÍSES DE ORIGEM - JANEIRO A SETEMBRO 2009-2010

PAÍS DE ORIGEM	JANEIRO-SETEMBRO 2009		JANEIRO-SETEMBRO 2010		VAR. (%)
	Valor (US\$)	Part. (%)	Valor (US\$)	Part. (%)	
China	863 625 548	13,0	1 395 833 330	14,1	61,6
Argentina	922 352 536	13,9	1 243 759 631	12,6	34,8
Nigéria	921 344 743	13,8	997 626 366	10,1	8,3
Estados Unidos	415 173 463	6,2	787 030 352	8,0	89,6
Alemanha	491 746 842	7,4	735 128 984	7,4	49,5
França	254 830 236	3,8	499 383 001	5,1	96,0
México	209 869 426	3,2	275 402 291	2,8	31,2
Itália	164 018 460	2,5	240 357 373	2,4	46,5
Suécia	110 737 724	1,7	231 254 385	2,3	108,8
Taiwan	152 012 444	2,3	220 837 735	2,2	45,3
Chile	123 928 206	1,9	203 759 618	2,1	64,4
Índia	78 125 914	1,2	201 746 256	2,0	158,2
Espanha	151 979 646	2,3	201 713 151	2,0	32,7
Japão	135 252 012	2,0	178 123 640	1,8	31,7
Paraguai	180 493 489	2,7	171 446 919	1,7	-5,0
Outros países de origem	1 482 189 143	22,3	2 303 440 874	23,3	55,4
<b>TOTAL</b>	<b>6 657 679 832</b>	<b>100,0</b>	<b>9 886 843 906</b>	<b>100,0</b>	<b>48,5</b>

FONTE: MDIC-SECEX

NOTA: Elaboração IPARDES.

O ano de 2010 foi marcado pela ascensão da República Popular da China ao patamar de segunda maior economia do planeta. Neste ano, ficou mais nítida sua estratégia de crescimento e como planeja adequar o papel que tem desempenhado, de fábrica global, às necessidades internas e às pressões internacionais. A resistência à valorização da moeda local, os maciços investimentos em recursos naturais – na África e na América Latina, principalmente – e os saltos qualitativos da indústria chinesa mostraram uma nova realidade nas relações do país com o ocidente. Um exemplo da complexa dinâmica que definirá o quão acrimoniosa será a relação entre a China e demais potências econômicas no futuro é o caso do comércio de terras-raras<sup>1</sup>.

Terras-raras é a denominação de 17 minerais utilizados em indústrias tecnologicamente sofisticadas, da metalurgia à informática, da geração de energia à produção de aeronaves. O processo de extração é perigoso, caro e poluidor. Estão em território chinês 36% das reservas conhecidas de terras-raras do mundo (tabela 1). Desde o início da década de 1990, os baixos preços das terras-raras chinesas – combinados à legislação trabalhista e ambiental mais rigorosa no ocidente – fizeram com que a exploração em tradicionais produtores (Estados Unidos, Austrália e Canadá) virtualmente desaparecesse, e a demanda sempre crescente por esses materiais se tornasse dependente da China. O departamento de pesquisa geológica dos Estados Unidos, United States Geological Survey (USGS), estima que, no final de 2009, 96,77% da demanda global era suprida pela China.

TABELA 1 - RESERVAS CONHECIDAS DE TERRAS-RARAS, POR PAÍS - 2009

PAÍS	TONELADAS
China	36 000 000
Comunidade dos Estados Independentes (CEI)	19 000 000
Estados Unidos	13 000 000
Austrália	5 400 000
Índia	3 100 000
Brasil	48 000
Malásia	30 000
Outros Países	22 422 000
Total	99 000 000

FONTE: U. S. Geological Survey

NOTA: A CEI reúne Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Moldávia, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão.

Desde julho do ano presente, o embarque de terras-raras chinesas tornou-se errático, e uma política de restrição às vendas – mascarada como burocracia alfandegária – foi implantada. Em setembro, uma escaramuça entre a marinha japonesa e um navio de pesca chinês reacendeu a disputa pela posse de um arquipélago localizado no leste do Mar da China. O incidente deteriorou as historicamente acrimoniosas relações diplomáticas entre os países vizinhos e catalizou o estabelecimento de cotas de exportação. De acordo com o Ministério de Comércio chinês, serão exportadas 24,2 mil toneladas desses minérios em 2010, aproximadamente 77% do volume vendido no ano passado. A indústria japonesa é altamente dependente da importação de terras-raras (tabela 2). Desde que as remessas tornaram-se pouco confiáveis, o governo japonês determinou investimento de 100 bilhões de ienes (aproximadamente US\$ 1,2 bilhão) na pesquisa por materiais alternativos, no desenvolvimento de processos de reciclagem e no financiamento da exploração mineral no exterior. Os acordos mais promissores parecem ser com o Cazaquistão e a Mongólia.

\* Economista, técnico da equipe permanente desta publicação.

<sup>1</sup> Escândio, ítrio, lantânio, cério, praseodímio, neodímio, promécio, samário, európio, gadolínio, térbio, disprósio, hólmio, érbio, túlio, itérbio, lutécio.

TABELA 2 - PAÍSES IMPORTADORES DE TERRAS-RARAS - 2005-2009

IMPORTADORES	2005		2006		2007		2008		2009	
	US\$ mil	Part. (%)	US\$ mil	Part. (%)	US\$ mil	Part. (%)	US\$ mil	Part. (%)	US\$ mil	Part. (%)
Japão	94 403	23,58	161 663	33,61	258 592	39,44	185 081	30,16	94 542	24,92
Estados Unidos	36 088	9,01	42 709	8,88	44 655	6,81	52 096	8,49	42 433	11,19
Alemanha	36 935	9,23	39 493	8,21	48 116	7,34	53 013	8,64	31 928	8,42
Países Baixos	13 684	3,42	24 409	5,07	23 477	3,58	32 680	5,33	22 451	5,92
Índia	16 163	4,04	19 889	4,13	23 249	3,55	31 544	5,14	21 262	5,60
Coreia do Sul	13 698	3,42	10 887	2,26	15 572	2,38	16 234	2,65	11 829	3,12
França	10 448	2,61	10 221	2,12	12 721	1,94	18 653	3,04	11 016	2,90
Reino Unido	20 091	5,02	10 377	2,16	12 858	1,96	15 497	2,53	9 843	2,59
Itália	11 966	2,99	11 445	2,38	12 169	1,86	11 030	1,80	8 116	2,14
China	7 990	2,00	3 612	0,75	23 670	3,61	10 724	1,75	8 031	2,12
Vietnã	200	0,05	554	0,12	466	0,07	737	0,12	7 791	2,05
Indonésia	1 092	0,27	962	0,20	967	0,15	10 304	1,68	6 510	1,72
Brasil	7 103	1,77	6 295	1,31	7 852	1,20	9 370	1,53	6 345	1,67
Suíça	11 343	2,83	9 915	2,06	8 538	1,30	9 394	1,53	5 790	1,53
Finlândia	7 775	1,94	6 711	1,40	8 566	1,31	7 612	1,24	5 686	1,50
Bélgica	3 727	0,93	4 140	0,86	3 772	0,58	7 000	1,14	5 521	1,46
Espanha	7 729	1,93	8 038	1,67	8 486	1,29	9 558	1,56	5 489	1,45
Outros Países	99 928	24,96	109 679	22,80	141 910	21,64	133 164	21,70	74 773	19,71
Total	400 363	100,00	480 999	100,00	655 636	100,00	613 691	100,00	379 356	100,00

FONTE: UNCTAD

NOTA: Elaboração IPARDES.

A política aberta de restrição à exportação de terras-raras provocou reações em outros mercados importadores. A Secretaria de Estado dos Estados Unidos demonstrou intenção de reativar a extração no país. Ao menos por dois anos, a Coreia do Sul financiará a importação de terras-raras para a indústria local. A Alemanha coordena uma estratégia conjunta dos países da União Europeia que não descarta retaliações, enquanto negocia com novos fornecedores e pressiona a Organização Mundial do Comércio (OMC). A posição da OMC na questão mostra o quão limitado é o seu poder de ação no curto prazo. O embargo chinês foi uma clara violação das regras da entidade, mas o processo de instalação de painéis e, eventualmente, de sanções, é moroso e ineficaz.

A indústria chinesa tem se sofisticado em rápida progressão, em direção à fabricação de bens de maior intensidade tecnológica. É perfeitamente concebível que a contração na exportação de terras-raras esteja concatenada com a proteção de suas reservas, de garantia de insumo estratégico para o avanço da indústria rumo à produção de bens de maior valor agregado. A maneira vilipendiosa com que essa estratégia foi executada, por enquanto, não suscita entusiasmo quanto à sapiência e elegância da diplomacia chinesa.

O caso das terras-raras mostrou o quanto a indústria tecnologicamente mais avançada depende desses e de outros minerais raros. Berilo, cobalto, nióbio, platina e tantalio são alguns insumos cuja demanda crescente depende de acordos comerciais com os poucos países produtores, que ganham poder de barganha com o embargo chinês. O Brasil é o maior produtor mundial de nióbio, elemento que torna o aço mais resistente. Estima-se que o País detenha 90% das reservas mundiais conhecidas. A Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM) detém 80% do mercado mundial de nióbio.

No Brasil, a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) – Serviço Geológico do Brasil é a estatal responsável pelo mapeamento das jazidas minerais. Parte significativa da pesquisa recente esteve associada à identificação de áreas ricas em potássio e fosfato, elementos utilizados na produção de fertilizantes e dos quais o Brasil é altamente dependente do mercado externo. A CPRM desenvolve trabalho essencial para o zoneamento ambiental e para o desenvolvimento de políticas públicas associadas à lavra. As restrições orçamentárias, contudo, limitam o escopo das pesquisas. O Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), entidade privada que congrega as empresas do setor, estima que menos de um terço do território nacional tenha sido avaliado quanto ao potencial mineral.

O trabalho desenvolvido pela CPRM é de particular relevância para subsidiar a formulação de um novo marco regulatório do setor, processo em curso que visa tornar a exploração mineral mais eficiente e transparente à fiscalização. A elaboração do marco regulatório mineral brasileiro chama a atenção no cenário internacional, e não apenas de mineradoras interessadas no potencial das reservas nacionais. Em outubro deste ano, o Ministério das Relações Exteriores recebeu solicitação de auxílio do governo do Afeganistão na formulação de legislação que regule a exploração mineral naquele país. Em meados do ano, os Estados Unidos descobriram reservas de cobalto, cobre, ferro, lítio e ouro em território afegão. As reservas de lítio – metal utilizado pelas indústrias farmacêutica, química e de informática – parecem ser as maiores do mundo. Até o final do ano, o Departamento Nacional de Produção Mineral, do Ministério de Minas e Energia, receberá uma delegação afegã. Os dois países estudarão a possibilidade de desenvolver tecnologia própria para a produção de baterias de lítio, processo atualmente sob o controle de corporações dos Estados Unidos, Coreia do Sul e China.

A prepóstera decisão chinesa no tocante à exportação de terras-raras demonstra que a diversificação de laços comerciais é tão importante quanto sua intensificação. Efetivas ou idílicas reformas que tornem os processos na OMC mais céleres e outros organismos multilaterais mais democráticos não substituem o pragmatismo de uma boa diplomacia comercial.

## AGROINDÚSTRIA

### Coonagro e fabricantes de fertilizantes planejam planta de ureia

A Cooperativa Nacional Agroindustrial (Coonagro), entidade que reúne 21 cooperativas, e três fabricantes de fertilizantes (Macrofertil, Península e Unisoft) planejam implantar no Paraná uma indústria capaz de produzir 330 mil toneladas de ureia por ano. Estima-se que o empreendimento exija US\$ 300 milhões para ser executado.

O consórcio espera terminar os estudos de viabilidade e iniciar a construção da planta em um ano. Duas companhias chinesas estão associadas ao projeto: a Sichuan, fabricante de agroquímicos, e a Chengda, empresa de engenharia. Os planos preveem que a planta seja construída na China e transportada para o Brasil.

DESLANDES, Fernanda. Consórcio fará fábrica de ureia. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 21 set. 2010. p.11.

GOMES, Luana. Fábrica de ureia deve reduzir custos no PR. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 set. 2010. p.25.

### Frangos Canção ampliará incubadora

O frigorífico Frangos Canção alocará R\$ 9 milhões na expansão de seu laboratório incubador, com o intuito de ampliar a produção mensal de pintos, de quatro milhões para dez milhões. A estrutura está localizada no município de São Manoel do Paraná, na Região Noroeste do Estado. Sediada em Maringá, a empresa abate atualmente cinco milhões de aves por mês.

INVESTIMENTO em aves. **Valor Econômico**, São Paulo, 20 out. 2010. Empresas, p.B12.

## COMÉRCIO

### Grupo Catuaí construirá novo *shopping* em Londrina

O Grupo Catuaí construirá seu segundo *shopping center* em Londrina (Região Norte Central Paranaense). O empreendimento fará parte de um complexo com prédios residenciais e comerciais, que ocupará 210 mil metros quadrados. Estima-se que o Grupo invista R\$ 480 milhões no projeto, sendo R\$ 180 milhões destinados à edificação do *shopping*. A Lotpar, empresa proprietária do terreno, alocará R\$ 300 milhões na construção de metade dos 20 prédios planejados.

LIMA, Marli. Londrina atrai novo projeto de *shopping center*. **Valor Econômico**, São Paulo, 19 out. 2010. Empresas, p.B4.

### Grupo Multiplan investe R\$ 56 milhões

O Grupo Multiplan investiu R\$ 56 milhões nas obras de expansão de seu *shopping center* localizado no bairro Mossunguê, em Curitiba. A área passível de locação foi ampliada de 51 mil para 146 mil metros quadrados. Foram incorporados 95 novos estabelecimentos comerciais.

EXPANSÃO do ParkShopping Barigui. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 24 out. 2010. p.16.

RIOS, Cristina. ParkShopping Barigui inaugura nova ala hoje. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 out. 2010. p.28.

\* Elaborado com informações disponíveis de 01/09/2010 a 31/10/2010.

\*\* Economista, técnico da equipe permanente desta publicação.

## INDÚSTRIA

### Caterpillar instalará unidade em Campo Largo

A empresa de capital estadunidense Caterpillar planeja investir US\$ 90 milhões na instalação de uma unidade industrial no município de Campo Largo, na Região Metropolitana de Curitiba. A fábrica produzirá máquinas utilizadas na construção civil, carregadeira e dois modelos de escavadeira, a partir do segundo semestre de 2011, e estará localizada no imóvel ocupado pela fabricante de motores TMT Motoco até 2007. A Caterpillar opera no Brasil desde 1976, em planta situada em Piracicaba (SP), e sua produção é voltada para os países da América Latina.

A companhia anunciou também que fabricará caminhões no Brasil, em parceria com a Navistar, a partir de 2013. A indústria que abrigará essa linha de produção ainda não tem local definido. Recentemente, a Caterpillar adquiriu o controle da MWM Holding, indústria alemã de motores.

CATERPILLAR compra fabricante de motores. **Folha de S. Paulo**, 23 out. 2010. Mercado, p.B11.

SILVA, Cleide. NC2 terá fábrica de caminhões no Brasil. **O Estado de S. Paulo**, 21 out. 2010. Economia, p.B20.

TAVARES, Osni. Caterpillar anuncia nova fábrica na RMC. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 2 set. 2010. p.24.

---

### Solvay amplia produção e projeta nova fábrica

O Grupo Solvay, controlador da Peróxidos do Brasil, elevará a produção de sua fábrica instalada em Curitiba, enquanto projeta a construção de uma nova fábrica na América do Sul. A fabricante de peróxidos de hidrogênio – insumo para as indústrias de celulose, químico-plástica e de mineração – expandirá sua produção de 160 mil para 180 mil toneladas anuais. Impulsionada pela produção sul-americana de celulose, a companhia planeja investir, até 2014, US\$ 130 milhões na instalação de uma segunda unidade no subcontinente.

ZAPAROLLI, Domingos. Grupo Solvay ergue nova fábrica de insumo de celulose. **Brasil Econômico**, São Paulo, 13 set. 2010. p.28.

---

### NTN-SNR investirá R\$ 30 milhões em fábrica de rolamentos

A fabricante de rolamentos automotivos SNR investirá R\$ 30 milhões na ampliação de sua planta no município de Fazenda Rio Grande, na Região Metropolitana de Curitiba, construída há dez anos. A empresa fornece rolamentos para montadoras de automóveis instaladas, principalmente, no Brasil e na Argentina, mas também os exporta para indústrias do gênero em outros países da América Latina. Em 2009, alcançou faturamento em torno de R\$ 70 milhões. Um dos objetivos da companhia é utilizar matéria-prima completamente nacional em sua produção.

Originalmente um ramo do grupo francês Renault, a SNR tem participação societária da NTN, indústria japonesa, desde 2007. Atualmente, a NTN detém 80% do capital da SNR e estima-se que, em 2012, o processo de incorporação seja finalizado.

BALDRATI, Breno. Franceses investem R\$ 30 mi em fábrica. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 set. 2010. p.27.

LOUREIRO, Michele. NTN, de rolamentos, investe R\$ 30 milhões e dobra produção. **Brasil Econômico**, São Paulo, 15 set. 2010. p.35.

---

## SERVIÇOS

### SPA Lapinha amplia instalações

Fundado há 38 anos no município da Lapa, na RMC, o Spa Lapinha investiu R\$ 5 milhões na ampliação de suas instalações. Para o próximo biênio, estão programadas novas inversões

na estrutura do complexo e expansão da comercialização de produtos orgânicos, segmento que atualmente responde por 10% da receita da empresa.

LIMA, Marli. Ao sul de Curitiba, Lapinha investe para tratar do corpo e da alma. **Valor Econômico**, São Paulo, 27 set. 2010. Empresas, p.B4.

---

## APC construirá novo hospital em Curitiba

A Associação Paranaense de Cultura (APC) alocará R\$ 50 milhões na construção de um novo hospital em Curitiba, batizado como Marcelino Champagnat. Terão destaque os departamentos de cardiologia, neurologia e ortopedia. O prédio de dez andares abrigará, também, um centro de diagnósticos e serviço de pronto-atendimento. A expectativa é de que o hospital seja inaugurado em outubro de 2011.

A APC mantém a Pontifícia Universidade Católica do Paraná e o Hospital Cajuru, que passará por reformas em 2011 e 2012, orçadas em R\$ 3 milhões.

LIMA, Marli. APC investe R\$ 50 milhões em hospital no Paraná. **Valor Econômico**, São Paulo, 29 set. 2010. Empresas, p.B4.

---



# ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1980-2010

continua

ANO	ALGODÃO			ARROZ			BATATA-INGLESA		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	336 000	561 519	1 671	390 545	638 000	1 636	42 630	521 762	12 239
1981	305 790	581 000	1 900	275 000	493 632	1 793	39 146	459 357	11 734
1982	369 500	739 000	2 000	204 000	256 620	1 258	50 460	603 553	11 961
1983	440 000	695 608	1 581	216 400	368 313	1 702	45 004	422 870	9 396
1984	322 124	611 865	1 899	196 700	242 570	1 233	40 904	505 915	12 368
1985	540 000	1 035 661	1 918	200 000	296 000	1 480	38 992	497 522	12 760
1986	415 000	768 434	1 852	140 000	206 000	1 411	40 509	416 596	10 284
1987	386 000	711 880	1 844	202 923	342 844	1 690	50 155	662 129	13 202
1988	470 000	903 107	1 922	188 615	316 732	1 679	49 464	654 282	13 227
1989	415 091	805 277	1 940	163 633	295 698	1 807	39 622	502 158	12 673
1990	490 000	852 600	1 740	151 003	253 501	1 679	41 285	616 498	14 933
1991	618 000	1 024 111	1 657	121 297	163 056	1 909	41 650	653 824	15 698
1992	704 498	972 804	1 381	134 000	217 200	1 621	43 925	683 500	15 561
1993	345 000	448 081	1 299	127 500	232 500	1 824	40 800	624 872	15 315
1994	235 000	422 541	1 798	105 301	217 466	2 065	45 069	643 865	14 286
1995	282 760	529 977	1 874	108 600	225 000	2 072	43 038	620 300	14 413
1996	182 700	287 061	1 571	96 300	205 000	2 129	49 236	716 000	14 542
1997	59 874	110 000	1 837	85 487	176 057	2 059	45 399	665 840	14 666
1998	112 994	170 358	1 508	80 521	170 080	2 113	43 510	571 854	13 143
1999	48 161	109 144	2 266	81 894	186 880	2 282	41 931	615 832	14 687
2000	54 420	126 051	2 316	79 823	179 885	2 254	36 448	648 376	17 789
2001	71 264	174 854	2 454	78 568	186 678	2 376	32 661	594 124	18 191
2002	35 958	83 970	2 335	75 717	185 245	2 447	33 782	659 353	19 518
2003	30 066	71 744	2 386	71 543	193 493	2 705	30 527	609 007	19 950
2004	47 247	89 944	1 904	68 051	182 090	2 676	29 336	580 350	19 783
2005	57 080	78 748	1 380	59 607	137 050	2 299	27 513	529 977	19 263
2006	13 870	22 567	1 627	59 287	171 913	2 900	28 239	585 310	20 727
2007	12 253	25 902	2 114	54 197	174 254	3 215	27 338	600 666	21 972
2008	6 496	16 089	2 477	47 019	172 737	3 674	27 740	680 160	24 519
2009	3 091	7 362	2 382	43 790	167 628	3 828	26 438	547 681	20 716
2010 <sup>(1)</sup>	99	203	2 051	40 535	167 715	4 138	30 079	727 433	24 184

  

ANO	CAFÉ			CANA-DE-AÇÚCAR			CEVADA		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	734 152	180 000	245	57 990	4 451 480	76 763	30 172	39 172	1 298
1981	700 000	498 000	711	69 120	4 888 038	70 712	34 775	35 392	1 017
1982	303 000	96 000	317	90 000	6 840 000	76 000	35 950	27 247	758
1983	440 000	354 000	805	110 930	9 664 965	87 127	21 442	18 915	882
1984	424 000	252 000	594	121 696	8 428 836	69 261	19 574	18 400	940
1985	424 000	318 000	750	140 878	10 425 000	74 000	36 297	65 512	1 722
1986	422 825	120 000	284	160 000	11 600 000	72 500	27 600	60 000	2 174
1987	430 000	510 000	1 186	160 420	11 911 431	74 252	40 670	92 000	2 262
1988	505 581	114 000	226	156 497	11 856 032	75 759	42 498	49 485	1 164
1989	493 324	267 039	541	153 539	11 401 852	74 260	40 402	102 351	2 532
1990	426 391	156 702	368	159 417	11 736 412	73 621	28 213	50 844	1 802
1991	383 355	201 922	527	172 296	12 500 000	72 550	22 974	31 052	1 352
1992	296 000	108 000	365	184 000	13 350 000	72 554	17 700	43 326	2 448
1993	230 000	100 000	435	196 000	14 000 000	71 429	23 946	48 860	2 040
1994	184 351	81 990	445	215 796	15 945 937	73 894	14 207	27 975	1 969
1995	13 750	7 350	535	255 000	18 870 000	74 000	20 235	30 800	1 515
1996	134 000	67 000	500	294 000	23 000 000	78 231	26 110	85 430	3 272
1997	127 895	109 630	858	306 000	24 500 000	80 065	36 971	106 030	2 868
1998	128 127	135 707	1 060	310 344	26 640 767	85 843	42 957	84 371	1 964
1999	136 642	141 813	1 038	338 939	27 016 957	79 710	31 864	78 722	2 471
2000	142 118	132 435	932	327 147	23 190 410	70 887	32 135	69 146	2 152
2001	63 304	28 299	447	337 574	27 156 281	80 445	40 456	76 209	1 884
2002	129 313	139 088	1 076	358 312	28 120 716	78 481	46 750	77 862	1 665
2003	126 349	117 274	928	375 698	32 721 425	87 095	53 479	184 786	3 455
2004	117 376	152 260	1 297	398 969	33 552 515	84 098	53 819	167 450	3 111
2005	106 303	86 417	813	397 825	28 011 069	70 411	54 712	127 661	2 333
2006	100 973	139 376	1 380	444 723	34 461 627	77 490	31 745	106 891	3 367
2007	97 623	103 698	1 062	554 855	46 539 991	83 878	46 679	134 414	2 880
2008	96 804	157 882	1 631	601 656	50 958 155	84 696	36 551	150 241	4 110
2009	85 315	87 655	1 027	644 914	54 756 307	84 905	45 017	125 229	2 782
2010 <sup>(1)</sup>	82 812	124 908	1 508	653 414	55 432 146	84 835	47 780	167 124	3 498

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1980-2010

conclusão

ANO	FEIJÃO			MANDIOCA			MILHO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	815 088	462 250	567	44 640	887 810	19 888	2 156 508	5 466 967	2 535
1981	852 835	570 860	669	58 700	1 100 380	18 746	2 161 999	5 363 109	2 481
1982	879 990	666 800	758	62 500	1 218 750	19 500	2 276 700	5 430 000	2 385
1983	699 685	347 035	496	69 870	1 452 870	20 794	2 361 800	5 018 870	2 125
1984	741 001	479 108	647	73 688	1 446 258	19 627	2 447 000	5 400 000	2 207
1985	723 764	499 617	690	85 800	1 722 864	20 080	2 332 840	5 803 713	2 488
1986	627 604	215 701	344	85 800	1 700 000	19 814	2 300 000	4 300 000	1 870
1987	754 210	391 355	519	85 445	1 853 950	21 698	2 846 000	7 641 800	2 685
1988	741 920	457 692	617	85 242	1 855 328	21 765	2 269 862	5 558 805	2 449
1989	528 741	223 031	422	77 349	1 622 846	20 981	2 137 234	5 296 080	2 478
1990	550 591	279 028	507	101 854	2 184 599	21 448	2 079 784	5 160 823	2 481
1991	624 036	348 332	558	102 265	2 261 788	22 117	2 358 797	4 827 112	2 046
1992	595 894	461 162	774	100 000	2 100 000	21 000	2 610 000	7 370 000	2 824
1993	545 800	444 000	813	137 000	3 014 000	22 000	2 703 000	8 158 000	3 018
1994	589 479	526 209	893	157 625	3 419 935	21 700	2 512 859	8 162 472	3 248
1995	487 309	422 451	867	144 000	3 168 000	22 000	2 727 800	8 960 400	3 285
1996	596 125	490 854	823	115 232	2 500 000	21 695	2 463 000	7 911 000	3 212
1997	557 123	475 458	853	144 500	2 600 000	17 993	2 503 003	7 752 217	3 097
1998	564 537	494 556	876	149 934	3 241 800	21 622	2 229 524	7 935 376	3 559
1999	680 317	570 097	838	164 258	3 446 805	20 984	2 520 818	8 777 465	3 482
2000	541 082	500 948	926	182 850	3 779 827	20 672	2 233 858	7 367 262	3 298
2001	428 343	470 214	1 098	172 815	3 614 859	20 918	2 820 597	12 689 549	4 499
2002	526 457	629 059	1 195	142 892	3 463 968	24 242	2 461 816	9 857 504	4 004
2003	544 906	718 084	1 318	108 097	2 476 346	22 909	2 843 704	14 403 495	5 065
2004	503 585	664 333	1 319	150 217	2 956 771	19 683	2 464 652	10 953 869	4 444
2005	435 201	554 670	1 275	166 885	3 346 333	20 052	2 003 080	8 545 711	4 266
2006	589 741	819 094	1 389	169 705	3 789 166	22 328	2 507 903	11 697 442	4 664
2007	545 239	769 399	1 411	173 235	3 762 445	21 719	2 730 179	13 835 369	5 068
2008	508 273	776 971	1 529	149 350	3 449 726	23 098	2 969 632	15 414 362	5 191
2009	643 288	787 180	1 224	175 709	4 200 910	23 908	2 783 036	11 159 845	4 010
2010 <sup>(1)</sup>	520 798	792 010	1 521	187 089	4 253 377	23 064	2 261 222	13 496 327	5 969

  

ANO	RAMI			SOJA			TRIGO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	6 780	17 000	2 507	2 410 000	5 400 000	2 241	1 440 000	1 350 000	937
1981	7 160	10 164	1 420	2 266 200	4 983 210	2 199	785 000	915 000	1 166
1982	5 818	9 477	1 629	2 100 000	4 200 000	2 000	1 175 000	1 025 000	872
1983	4 670	9 583	2 052	2 022 000	4 315 000	2 134	898 265	1 066 000	1 187
1984	4 495	9 625	2 141	2 177 900	4 121 000	1 892	829 211	1 113 009	1 342
1985	4 887	10 004	2 047	2 196 370	4 413 000	2 009	1 295 548	2 696 023	2 081
1986	5 530	7 000	1 266	1 745 000	2 600 000	1 490	1 947 000	2 950 000	1 115
1987	7 100	15 500	2 183	1 718 000	3 810 000	2 218	1 717 500	3 300 000	1 921
1988	8 162	19 060	2 335	2 123 379	4 771 264	2 247	1 773 797	3 250 000	1 832
1989	8 030	9 193	1 145	2 399 993	5 031 297	2 096	1 829 680	3 207 000	1 753
1990	7 139	10 183	1 426	2 267 638	4 649 752	2 050	1 197 149	1 394 052	1 164
1991	5 595	7 999	1 430	1 972 538	3 531 216	1 790	1 082 358	1 825 959	1 687
1992	5 300	6 500	1 226	1 794 000	3 417 000	1 905	1 220 000	1 600 000	1 311
1993	5 650	7 200	1 548	2 076 000	4 817 000	2 320	696 000	1 023 000	1 470
1994	3 482	3 992	1 146	2 154 077	5 332 893	2 476	599 070	1 012 439	1 690
1995	2 913	2 922	1 003	2 199 720	5 624 440	2 557	579 000	960 000	1 658
1996	2 550	4 970	1 940	2 392 000	6 448 800	2 696	1 024 480	1 977 030	1 930
1997	1 816	3 616	1 991	2 551 651	6 582 273	2 580	899 024	1 629 226	1 812
1998	818	1 615	1 974	2 858 697	7 313 460	2 558	893 302	1 509 420	1 690
1999	465	992	2 133	2 786 857	7 752 472	2 782	707 518	1 446 782	2 045
2000	465	1 006	2 163	2 859 362	7 199 810	2 518	437 761	599 355	1 369
2001	387	865	2 235	2 821 906	8 628 469	3 058	873 465	1 840 114	2 107
2002	470	1 357	2 887	3 316 379	9 565 905	2 884	1 035 501	1 557 547	1 504
2003	539	1 361	2 525	3 653 266	11 018 749	3 016	1 197 192	3 121 534	2 607
2004	539	1 197	2 221	4 007 099	10 221 323	2 551	1 358 592	3 051 213	2 246
2005	539	1 118	2 074	4 147 006	9 535 660	2 299	1 273 243	2 800 094	2 199
2006	447	1 221	2 732	3 948 520	9 466 405	2 397	762 339	1 204 747	1 580
2007	394	1 072	2 721	4 001 443	11 882 704	2 970	820 948	1 863 716	2 270
2008	447	1 023	2 289	3 967 764	11 764 466	2 965	1 153 251	3 216 590	2 789
2009	418	994	2 378	4 077 142	9 410 791	2 308	1 308 782	2 482 647	1 916
2010 <sup>(1)</sup>	369	831	2 252	4 480 681	14 074 411	3 141	1 142 702	3 234 716	2 831

FONTES: SEAB/DERAL, IBGE

(1) Estimativa.

TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS, NO PARANÁ - 1997-2010

PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)			PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)		
	Aves	Bovinos	Suínos		Aves	Bovinos	Suínos
1997	720 154	225 021	189 459	Abril	204 305	24 370	42 527
1998	854 517	236 358	193 435	Maio	206 920	23 778	43 028
1999	957 237	198 873	229 466	Junho	209 215	22 801	41 702
2000	1 041 412	181 113	235 315	Julho	220 968	22 671	55 673
2001	1 121 828	197 985	263 451	Agosto	211 633	22 547	43 046
2002	1 235 681	219 350	333 951	Setembro	219 559	25 684	43 199
2003	1 344 398	219 774	359 139	Outubro	217 893	28 159	42 903
2004	1 557 747	276 808	340 568	Novembro	207 014	24 097	39 201
2005	1 788 481	308 947	367 765	Dezembro	204 960	31 497	40 660
2006	1 856 061	316 897	390 394	2010 <sup>(1)</sup>	1 339 008	159 736	250 328
2007	2 057 318	295 010	437 152	Janeiro	211 217	20 641	36 228
2008	2 480 908	279 609	454 340	Fevereiro	202 095	22 914	38 992
2009 <sup>(1)</sup>	2 492 086	282 214	509 156	Março	239 997	28 977	43 854
Janeiro	195 787	21 742	39 155	Abril	225 476	27 639	42 257
Fevereiro	186 249	15 748	38 572	Maio	232 068	28 791	43 956
Março	207 585	19 118	39 479	Junho	228 155	30 774	45 041

FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais

(1) Resultados preliminares.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-2010

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
	US\$ mil FOB	Part. (%)	Semimanufaturados		Manufaturados		US\$ mil FOB	Part. (%)	
			US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)			
1980	1 525 496	76,47	204 013	10,23	235 955	11,83	29 385	1,47	1 994 849
1981	1 578 294	65,71	250 316	10,42	541 587	22,55	31 827	1,33	2 402 024
1982	1 140 108	68,07	106 669	6,37	409 124	24,43	19 022	1,14	1 674 923
1983	1 012 405	69,20	79 971	5,47	349 526	23,89	21 043	1,44	1 462 945
1984	966 205	52,45	177 247	9,62	671 435	36,45	27 086	1,47	1 841 973
1985	928 902	50,89	175 665	9,62	698 346	38,26	22 551	1,24	1 825 464
1986	688 996	56,59	43 324	3,56	472 821	38,84	12 339	1,01	1 217 480
1987	969 288	59,14	120 707	7,37	533 758	32,57	15 169	0,93	1 638 922
1988	1 167 554	58,21	149 328	7,45	678 177	33,81	10 573	0,53	2 005 632
1989	1 192 665	60,13	178 327	8,99	601 886	30,35	10 462	0,53	1 983 340
1990	1 035 355	55,42	203 537	10,90	618 389	33,10	10 887	0,58	1 868 168
1991	939 248	51,75	179 988	9,96	678 770	37,56	13 223	0,73	1 807 229
1992	1 067 932	50,61	206 642	9,79	822 506	38,98	12 959	0,61	2 110 039
1993	1 191 871	48,04	192 267	7,75	1 081 457	43,59	15 548	0,63	2 481 143
1994	1 459 424	41,62	487 597	13,90	1 538 079	43,86	21 649	0,62	3 506 749
1995	1 439 114	40,34	646 613	18,13	1 463 107	41,01	18 511	0,52	3 567 346
1996	2 081 290	49,02	576 682	13,58	1 562 959	36,81	24 974	0,59	4 245 905
1997	2 524 220	52,01	560 259	11,54	1 740 382	35,86	28 727	0,59	4 853 587
1998	1.918.816	45,38	665.062	15,73	1.614.172	38,18	29.944	0,71	4.227.995
1999	1.735.682	44,14	626.797	15,94	1.528.226	38,86	41.954	1,07	3.932.659
2000	1.661.374	37,81	498.631	11,35	2.158.622	49,12	75.534	1,72	4.394.162
2001	2.280.991	42,87	561.285	10,55	2.416.688	45,42	61.247	1,15	5.320.211
2002	2.384.075	41,80	668.797	11,73	2.576.841	45,18	73.368	1,29	5.703.081
2003	2.985.014	41,70	877.848	12,26	3.217.442	44,95	77.549	1,08	7.157.853
2004	3.908.974	41,56	969.099	10,30	4.437.090	47,18	89.862	0,96	9.405.026
2005	3.297.780	32,87	993.498	9,90	5.608.205	55,89	134.049	1,34	10.033.533
2006	2 931 247	29,26	1 146 938	11,45	5 755 975	57,47	182 177	1,82	10 016 338
2007	4 233 777	34,27	1 318 847	10,68	6 630 908	53,68	169 325	1,37	12 352 857
2008 <sup>(1)</sup>	5 787 485	37,96	1 611 541	10,57	7 540 538	49,46	307 620	2,02	15 247 184
2009 <sup>(1)</sup>	4 985 127	44,42	1 304 406	11,62	4 719 959	42,06	213 335	1,90	11 222 827
Janeiro	280 167	37,52	129 165	17,30	327 765	43,90	9 563	1,28	746 660
Fevereiro	235 141	39,42	36 849	6,18	313 397	52,53	11 161	1,87	596 549
Março	408 013	47,68	62 630	7,32	372 229	43,50	12 825	1,50	855 697
Abril	652 127	58,14	99 882	8,90	355 074	31,65	14 619	1,30	1 121 702
Maio	620 907	55,64	111 861	10,02	366 838	32,88	16 238	1,46	1 115 844
Junho	814 261	61,28	129 102	9,72	364 985	27,47	20 344	1,53	1 328 693
Julho	454 671	43,89	139 423	13,46	421 161	40,65	20 753	2,00	1 036 008
Agosto	500 729	45,40	146 345	13,27	437 253	39,64	18 675	1,69	1 103 003
Setembro	316 843	34,85	151 804	16,70	416 467	45,81	24 085	2,65	909 199
Outubro	234 768	27,69	134 503	15,86	457 701	53,98	20 949	2,47	847 921
Novembro	225 114	29,32	79 912	10,41	441 934	57,55	20 953	2,73	767 913
Dezembro	242 387	30,54	82 927	10,45	445 154	56,09	23 170	2,92	793 638
2010 <sup>(1)</sup>	4 727 259	44,38	1 202 123	11,29	4 510 123	42,35	211 085	1,98	10 650 590
Janeiro	190 308	26,96	67 319	9,54	426 450	60,42	21 706	3,08	705 782
Fevereiro	236 525	33,41	58 929	8,32	389 202	54,97	23 351	3,30	708 008
Março	552 307	48,00	73 135	6,36	491 342	42,70	33 953	2,95	1 150 737
Abril	719 459	55,33	105 178	8,09	455 439	35,02	20 258	1,56	1 300 333
Maio	665 359	48,80	141 768	10,40	527 566	38,70	28 627	2,10	1 363 320
Junho	504 716	40,49	185 445	14,88	531 738	42,66	24 518	1,97	1 246 417
Julho	598 249	43,34	185 828	13,46	576 445	41,76	19 933	1,44	1 380 455
Agosto	640 434	44,19	204 441	14,11	582 133	40,17	22 303	1,54	1 449 311
Setembro	619 903	46,05	180 080	13,38	529 808	39,36	16 436	1,22	1 346 227

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 4 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1994-2010

ANO	PARANÁ (US\$ MIL FOB)			BRASIL (US\$ MIL FOB)		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1994	3 506 749	1 589 440	1 917 309	43 545 167	33 052 686	10 492 481
1995	3 567 346	2 390 291	1 177 055	46 506 281	49 971 895	- 3 465 614
1996	4 245 905	2 434 373	1 811 172	47 746 726	53 345 767	- 5 599 039
1997	4 853 587	3 306 968	1 547 276	52 990 115	59 747 227	- 6 752 887
1998	4 227 995	4 057 589	170 406	51 139 862	57 763 476	- 6 623 614
1999	3 932 564	3 699 957	232 607	48 011 444	49 294 639	- 1 283 195
2000	4 392 091	4 685 381	-293 290	55 085 595	55 838 590	-752 994
2001	5 317 509	4 929 457	388 052	58 222 642	55 572 176	2 650 436
2002	5 700 199	3 333 814	2 366 386	60 361 786	47 236 752	13 125 034
2003	7 153 235	3 486 013	3 667 222	73 084 140	48 304 598	24 779 541
2004	9 396 534	4 026 197	5 370 337	96 475 244	62 813 151	33 662 093
2005	10 022 669	4 527 172	5 495 497	118 308 387	73 597 900	44 710 487
2006	10 001 941	5 977 953	4 023 988	137 469 700	91 383 878	46 085 822
2007	12 352 857	9 017 988	3 334 870	160 649 073	120 617 446	40 031 627
2008	15 225 737	14 570 222	655 515	197 942 443	172 984 768	24 957 675
2009 <sup>(1)</sup>	11 222 828	9 620 703	1 602 125	152 994 743	127 672 264	25 322 479
Janeiro	746 662	579 843	166 819	9 781 920	10 311 476	- 529 556
Fevereiro	596 549	558 829	37 720	9 586 406	7 825 478	1 760 927
Março	855 697	670 462	185 235	11 809 225	10 052 631	1 756 594
Abril	1 121 702	602 943	518 759	12 321 617	8 626 934	3 694 683
Maio	1 115 843	678 428	437 416	11 984 585	9 358 569	2 626 016
Junho	1 328 693	750 769	577 924	14 467 785	9 863 379	4 604 406
Julho	1 036 008	958 912	77 097	14 141 930	11 229 304	2 912 626
Agosto	1 103 003	783 232	319 771	13 840 850	10 776 085	3 064 766
Setembro	909 199	1 074 267	- 165 068	13 863 222	12 549 862	1 313 360
Outubro	847 921	1 059 762	- 211 841	14 081 686	12 753 089	1 328 597
Novembro	767 913	1 021 428	- 253 515	12 652 892	12 039 774	613 118
Dezembro	793 638	881 828	- 88 190	14 462 624	12 285 683	2 176 941
2010 <sup>(1)</sup>	10 650 590	9 886 844	763 746	144 929 394	132 156 204	12 773 191
Janeiro	705 782	908 150	- 202 367	11 305 067	11 481 989	- 176 922
Fevereiro	708 008	809 435	- 101 427	12 197 237	11 806 753	390 485
Março	1 150 737	924 842	225 894	15 727 499	15 057 957	669 542
Abril	1 300 333	999 969	300 364	15 161 211	13 878 266	1 282 945
Maio	1 363 320	1 050 855	312 465	17 702 500	14 256 309	3 446 191
Junho	1 246 417	1 139 239	107 177	17 093 912	14 817 009	2 276 902
Julho	1 380 455	1 301 045	79 410	17 672 925	16 315 440	1 357 485
Agosto	1 449 311	1 371 679	77 632	19 236 253	16 802 039	2 434 213
Setembro	1 346 227	1 381 628	-35 402	18 832 790	17 740 440	1 092 350

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 5 - ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA DO PARANÁ - 2000-2010

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2003 = 100)															
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Jan./09	Fev./09	Mar./09	Abr./09	Mai/09	Jun./09
Combustíveis e lubrificantes	78,08	80,11	93,81	100,00	103,84	101,62	84,92	87,15	89,11	88,15	85,46	82,77	96,66	85,48	96,59	86,23
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	112,36	109,77	103,46	100,00	111,47	103,67	109,97	117,21	121,70	127,08	120,57	111,93	120,26	131,32	123,93	116,62
Hipermercados e supermercados	111,21	109,32	103,38	100,00	111,52	102,85	108,97	116,19	120,43	125,80	119,31	110,69	118,99	130,10	122,51	115,30
Tecidos, vestuário e calçados	107,72	108,87	95,83	100,00	107,38	108,34	106,77	112,28	117,36	116,62	109,25	80,45	93,23	113,39	131,43	116,71
Móveis e eletrodomésticos	99,69	95,18	93,66	100,00	129,42	146,38	159,09	178,86	196,48	197,13	198,41	153,95	177,40	168,37	186,00	178,16
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	...	...	...	100,00	106,49	117,25	124,58	131,60	149,78	184,80	156,00	150,76	170,51	168,36	184,46	181,38
Livros, jornais, revistas e papelaria	...	...	...	100,00	86,81	86,80	83,57	87,13	98,96	108,70	142,86	116,74	129,48	102,67	111,89	95,64
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	...	...	...	100,00	97,82	173,86	263,35	338,15	672,92	1 071,68	838,04	913,84	956,62	914,96	913,03	1 118,56
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	...	...	...	100,00	114,68	130,80	151,90	165,88	195,21	216,31	194,41	169,26	190,58	202,61	234,20	200,74
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	100,72	99,82	99,14	100,00	111,28	110,20	113,42	121,49	130,03	136,79	129,67	115,74	128,31	133,14	136,96	128,19

  

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2003 = 100)															
	Jul./09	Ago./09	Set./09	Out./09	Nov./09	Dez./09	2010	Jan./10	Fev./10	Mar./10	Abr./10	Mai/10	Jun./10	Jul./10	Ago./10	
Combustíveis e lubrificantes	88,63	89,19	84,53	89,23	83,85	89,20	87,68	82,66	80,93	94,56	85,39	88,32	87,49	94,39	93,14	
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	123,90	135,72	121,27	131,76	125,14	162,48	130,15	133,69	123,09	137,79	128,30	127,53	126,80	133,85	136,34	
Hipermercados e supermercados	122,62	134,56	119,88	130,50	123,95	161,20	128,69	132,66	121,73	136,39	126,95	125,96	125,09	132,03	134,51	
Tecidos, vestuário e calçados	111,49	102,98	114,05	110,64	110,32	205,50	117,09	111,52	90,78	109,02	132,23	139,26	115,07	121,76	112,79	
Móveis e eletrodomésticos	194,45	196,12	194,49	209,78	217,67	290,77	213,29	229,31	193,72	217,93	199,63	233,55	207,22	211,70	221,43	
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	184,46	190,16	174,83	204,63	203,45	248,61	206,04	193,64	181,76	213,74	203,79	214,76	213,16	221,43	226,76	
Livros, jornais, revistas e papelaria	106,45	109,93	111,87	68,18	58,79	149,84	140,94	177,03	158,76	152,90	123,79	127,55	126,30	120,22	129,03	
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	1 148,33	1 157,07	1 241,36	1 208,21	1 137,00	1 313,11	1 453,19	1 106,34	1 312,99	1 674,87	1 583,64	1 665,68	1 480,93	1 347,86	1 664,87	
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	194,16	196,12	191,04	226,26	217,05	379,24	225,45	212,15	180,00	229,33	222,67	253,77	235,26	244,97	253,43	
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	133,78	139,81	131,85	141,49	137,19	185,35	143,34	143,54	130,53	149,71	142,10	148,67	141,34	147,51	150,69	

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 6 - PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 1991-2010

SEÇÃO/ATIVIDADE <sup>(1)</sup>	ÍNDICE (base: média de 2002 = 100)																			
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Jan./09
Indústria de transformação	79,4	77,4	86,6	94,5	89,2	92,5	97,7	101,1	99,7	99,0	102,5	100,0	105,7	116,3	117,9	116,0	123,8	134,3	131,6	114,9
Alimentos	78,5	78,2	93,3	93,6	84,2	88,9	85,8	90,6	96,2	93,9	99,3	100,0	104,7	109,8	106,1	112,2	116,1	112,8	107,8	74,0
Bebidas	64,0	51,4	44,3	56,7	74,7	66,2	61,0	62,7	67,6	71,9	91,8	100,0	94,4	98,9	106,0	121,2	120,2	122,0	126,2	128,2
Madeira	60,2	62,0	64,9	62,8	62,0	67,1	65,2	82,7	83,0	85,0	91,0	100,0	113,1	132,0	115,9	101,2	95,7	94,1	72,8	68,9
Celulose, papel e produtos de papel	98,0	95,9	99,1	103,0	101,8	104,6	114,2	113,4	112,9	117,8	104,2	100,0	100,2	104,7	112,7	114,8	114,1	133,2	132,2	127,9
Edição, impressão e reprodução de gravações	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	100,0	133,5	186,5	190,7	211,0	181,2	239,7	428,7	517,7
Refino de petróleo e álcool	76,9	74,1	84,0	94,0	82,6	96,2	96,7	93,0	107,3	102,5	108,7	100,0	99,6	87,7	96,2	97,3	93,8	100,6	100,1	82,4
Outros produtos químicos	61,9	67,5	81,3	94,4	80,7	103,9	110,1	100,1	107,5	117,8	116,4	100,0	105,4	94,4	76,4	74,4	82,5	64,6	77,8	72,4
Borracha e plástico	88,1	82,9	90,5	72,1	70,6	100,7	113,5	111,2	100,0	90,3	90,5	100,0	95,0	99,8	96,1	108,8	114,4	123,9	122,8	120,1
Minerais não metálicos	65,5	64,6	65,0	61,3	70,6	80,2	92,6	87,0	89,8	91,6	92,7	100,0	97,2	91,4	94,6	90,0	95,1	120,3	123,9	111,2
Produtos de metal - excl. máquinas e equip.	151,4	145,9	118,6	127,1	148,3	153,3	151,1	134,2	121,8	98,0	94,9	100,0	98,6	104,3	101,5	102,4	107,8	114,3	99,2	97,4
Máquinas e equipamentos	42,8	36,1	42,9	58,2	63,9	73,3	72,4	63,4	62,7	73,3	80,9	100,0	113,8	138,1	122,7	121,8	147,8	161,2	143,3	129,5
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	115,9	96,6	96,8	116,1	145,4	151,4	191,8	184,8	152,4	265,4	248,1	100,0	97,3	91,2	114,5	115,8	138,0	132,7	118,6	109,9
Veículos automotores	62,3	62,7	91,6	135,3	129,5	84,9	112,8	106,4	79,2	101,8	101,8	100,0	117,3	176,8	214,1	170,3	222,1	275,0	200,1	132,9
Mobiliário	59,9	44,4	53,5	58,1	68,7	91,9	87,8	93,4	98,7	106,2	99,0	100,0	90,7	92,9	88,2	89,9	101,6	93,3	84,9	62,5

SEÇÃO/ATIVIDADE <sup>(1)</sup>	ÍNDICE (base: média de 2002 = 100)																			
	Fev./09	Mar./09	Abr./09	Maior/09	Jun./09	Jul./09	Ago./09	Set./09	Out./09	Nov./09	Dez./09	2010	Jan./10	Fev./10	Mar./10	Abr./10	Maior/10	Jun./10	Jul./10	Ago./10
Indústria de transformação	120,7	136,1	129,8	125,4	114,8	138,7	137,2	130,4	151,5	139,4	140,1	150,1	126,8	123,6	168,9	140,7	164,8	162,1	163,9	149,6
Alimentos	84,5	110,8	120,7	123,3	119,1	116,8	124,0	107,7	107,7	108,5	96,5	116,1	79,3	87,2	107,3	118,0	125,0	132,9	139,8	139,0
Bebidas	115,6	130,6	118,4	106,9	84,8	96,6	113,2	121,5	154,7	158,0	185,7	133,7	119,7	128,1	145,0	125,5	160,8	127,1	137,9	125,3
Madeira	67,9	84,3	70,6	80,5	66,1	70,6	72,5	67,1	74,9	79,3	70,8	80,2	65,4	64,4	81,0	82,6	89,1	87,8	87,8	83,1
Celulose, papel e produtos de papel	127,5	131,7	118,6	111,6	119,8	148,3	141,3	142,8	142,7	134,5	139,5	138,6	144,5	127,2	150,9	137,9	146,0	114,0	148,7	139,4
Edição, impressão e reprodução de gravações	599,4	521,8	442,9	321,3	117,0	460,4	332,9	416,7	504,1	358,9	551,4	466,9	347,6	241,5	771,5	348,2	662,4	618,4	454,7	291,0
Refino de petróleo e álcool	81,7	96,8	102,7	108,5	106,0	107,7	109,5	99,7	107,1	97,3	101,9	90,4	91,7	85,6	100,8	101,0	106,4	100,2	94,7	42,4
Outros produtos químicos	79,1	75,4	65,4	55,6	67,3	110,1	105,7	92,7	96,6	56,7	56,7	67,4	85,4	74,6	55,6	44,5	57,3	67,6	95,5	58,9
Borracha e plástico	108,4	117,3	113,1	109,4	119,8	122,6	129,3	130,3	139,1	136,0	128,6	135,9	130,8	125,4	143,6	124,7	130,5	139,9	149,5	142,8
Minerais não metálicos	108,8	124,5	123,4	126,4	124,7	132,1	129,0	128,9	127,3	130,8	119,7	126,4	110,3	113,5	132,7	123,5	130,1	128,7	133,5	138,9
Produtos de metal - excl. máquinas e equip.	82,3	88,4	91,8	90,8	95,1	110,9	99,9	106,8	113,6	110,2	103,0	118,6	105,4	104,0	123,9	114,4	123,4	127,2	125,4	125,3
Máquinas e equipamentos	111,7	125,5	122,2	124,0	125,3	146,9	149,5	163,2	174,8	177,3	170,2	176,5	154,1	178,8	196,8	159,2	189,1	172,1	162,3	199,3
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	98,4	128,0	111,3	100,1	95,0	115,4	117,8	122,1	149,6	156,4	119,0	124,8	114,3	99,8	123,0	108,2	119,4	151,0	138,8	143,6
Veículos automotores	156,9	217,7	194,1	198,5	191,7	186,4	211,0	152,5	278,1	260,2	220,6	313,3	254,3	260,4	335,4	295,9	308,8	324,0	362,3	365,2
Mobiliário	63,3	71,8	70,1	75,6	77,1	91,8	98,0	89,4	108,3	105,1	105,4	104,3	90,1	93,2	131,0	100,1	104,6	100,3	101,3	113,4

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal

NOTAS: Índice sem ajuste sazonal.

Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Somente as atividades que apresentam produtos incluídos na amostra.

TABELA 7 - PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO NA INDÚSTRIA PARANAENSE, SEGUNDO SEÇÕES E DIVISÕES DA CNAE - 2002-2010

SEÇÃO/DIVISÃO	ÍNDICE (base: janeiro de 2001 = 100)														
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Jan./09	Fev./09	Mar./09	Abr./09	Mai/09	Jun./09	Jul./09
Indústria geral	100,1	102,5	106,7	108,2	105,7	109,0	110,1	103,0	104,5	103,5	103,6	102,4	102,7	102,4	102,9
Indústrias extrativas	95,3	91,0	83,1	74,6	75,1	76,6	75,7	73,0	76,3	70,9	70,2	78,9	78,2	72,9	72,4
Indústria de transformação	100,2	102,7	107,0	108,7	106,1	109,4	110,6	103,4	104,9	103,9	104,1	102,7	103,1	102,8	103,3
Alimentos e bebidas	112,9	124,0	130,2	145,7	148,6	156,6	161,1	157,3	156,4	155,4	155,5	154,4	155,9	158,1	161,0
Fumo	151,6	139,3	171,8	176,0	172,7	203,6	146,7	166,2	170,8	277,9	289,5	276,2	180,7	174,5	102,1
Têxtil	104,5	98,9	97,5	93,0	98,0	90,6	84,6	77,5	77,3	76,8	76,4	76,4	78,1	78,5	77,9
Vestuário	109,7	119,8	137,4	143,1	130,7	127,1	114,2	97,2	96,6	97,8	101,9	94,5	94,9	95,2	97,2
Calçados e couro	94,2	84,9	77,5	87,4	100,3	104,4	100,2	91,5	83,7	84,0	87,5	87,2	87,6	90,7	91,7
Madeira	80,1	77,6	79,5	68,5	56,5	49,9	45,5	36,1	38,3	37,4	37,7	37,0	36,9	36,4	36,2
Papel e gráfica	101,8	112,3	115,9	117,0	121,5	127,5	125,0	123,3	124,2	120,6	119,7	120,4	120,6	123,2	124,0
Refino de petróleo e combustíveis	139,5	194,0	200,3	193,1	214,1	231,6	258,8	270,8	235,9	226,8	239,6	265,6	285,1	292,1	293,0
Produtos químicos	94,7	85,4	84,5	82,9	92,2	107,9	104,6	92,9	87,9	87,7	88,1	89,0	89,5	90,6	97,8
Borracha e plástico	102,9	92,1	90,5	92,8	91,2	94,7	92,2	83,8	90,5	88,4	87,5	86,7	85,6	80,7	80,4
Minerais não-metálicos	115,4	112,6	116,0	119,9	113,9	129,7	134,7	130,2	134,0	130,2	132,5	132,1	130,5	133,6	132,9
Metalurgia básica	91,8	83,4	79,7	81,4	72,5	68,0	72,2	71,1	72,1	73,4	72,0	70,6	70,3	69,8	69,9
Produtos de metal <sup>(1)</sup>	95,4	97,4	96,9	99,4	101,1	96,0	103,7	103,7	107,3	108,3	105,6	103,8	103,7	102,4	100,2
Máquinas e equipamentos <sup>(2)</sup>	111,3	125,2	137,6	137,2	125,6	134,1	161,5	151,0	152,8	151,2	150,6	146,2	146,7	146,3	146,2
Máquinas e aparelhos elétricos <sup>(3)</sup>	106,9	96,7	90,5	96,2	94,7	95,0	105,1	103,2	108,6	106,8	102,3	101,5	102,1	100,1	100,6
Fabricação de meios de transporte	88,2	93,5	101,7	112,5	112,2	142,1	150,6	141,5	143,9	143,2	141,3	142,0	142,2	139,6	138,6
Fabricação de outros produtos	80,9	71,1	74,5	66,1	63,5	66,2	64,7	58,4	64,5	63,1	62,2	61,4	60,5	57,0	56,6

SEÇÃO/DIVISÃO	ÍNDICE (base: janeiro de 2001 = 100)													
	Ago./09	Set./09	Out./09	Nov./09	Dez/09	2010	Jan./10	Fev./10	Mar./10	Abr./10	Mai/10	Jun./10	Jul./10	Ago./10
Indústria geral	102,9	102,9	103,6	103,0	101,6	103,4	101,8	102,1	102,5	103,2	103,9	104,3	104,5	104,6
Indústrias extrativas	72,3	71,8	69,6	69,1	73,3	71,8	71,8	71,4	69,6	71,8	71,1	72,5	72,9	73,4
Indústria de transformação	103,3	103,3	104,1	103,4	102,0	103,8	102,1	102,5	103,0	103,6	104,3	104,7	104,9	105,0
Alimentos e bebidas	159,3	159,0	159,9	157,8	155,0	150,6	149,9	148,7	148,7	149,5	150,6	152,5	153,0	152,0
Fumo	102,6	99,9	103,1	108,0	109,3	201,6	170,8	289,3	292,2	282,3	213,6	165,4	103,6	95,2
Têxtil	77,2	77,2	78,1	78,2	78,3	83,0	81,1	80,3	81,0	82,8	84,5	84,5	85,6	83,9
Vestuário	97,9	98,2	99,5	98,7	94,3	94,7	95,8	97,1	95,0	93,4	93,0	94,3	94,8	94,5
Calçados e couro	94,7	96,7	98,3	98,6	97,3	105,2	104,3	101,8	105,7	105,4	106,2	106,7	106,3	105,0
Madeira	35,6	35,2	34,2	34,1	33,7	34,4	33,7	34,1	34,3	35,1	35,0	34,6	34,4	33,9
Papel e gráfica	125,9	125,4	125,4	124,8	125,0	128,3	125,7	125,6	125,8	127,5	130,2	130,3	130,4	130,8
Refino de petróleo e combustíveis	295,5	294,1	290,4	286,4	245,2	231,2	235,0	233,0	233,9	220,8	231,7	232,1	231,7	231,0
Produtos químicos	94,6	97,5	98,7	96,4	96,4	99,7	97,6	97,0	98,1	100,4	101,7	102,5	100,8	99,4
Borracha e plástico	82,5	82,1	82,3	79,7	79,7	80,3	79,7	80,3	82,0	81,2	81,1	80,3	78,9	79,2
Minerais não-metálicos	131,0	126,0	126,4	126,8	125,8	126,9	125,5	128,3	126,1	126,5	127,0	125,6	127,6	128,8
Metalurgia básica	69,7	69,8	70,4	72,4	73,0	78,9	74,7	76,3	79,5	80,8	80,3	80,5	78,9	79,9
Produtos de metal <sup>(1)</sup>	101,1	103,2	104,5	102,8	101,6	106,4	103,9	104,0	103,5	104,1	106,3	106,9	108,9	113,2
Máquinas e equipamentos <sup>(2)</sup>	145,3	148,5	155,0	159,8	163,2	170,6	163,9	165,6	168,8	173,1	172,7	173,0	173,7	174,3
Máquinas e aparelhos elétricos <sup>(3)</sup>	100,3	101,3	103,9	106,3	104,7	108,6	105,6	107,0	107,8	109,2	107,3	109,2	110,5	112,2
Fabricação de meios de transporte	140,1	142,5	142,5	141,4	140,8	146,8	142,9	142,8	143,8	145,7	148,1	149,1	150,0	151,9
Fabricação de outros produtos	56,8	54,0	55,1	54,4	54,7	59,0	56,7	57,2	58,9	59,6	60,6	59,4	59,9	60,0

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário

NOTA: Índice sem ajuste sazonal.

(1) Não inclui máquinas e equipamentos.

(2) Não inclui máquinas e equipamentos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações.

(3) Inclui também máquinas e aparelhos eletrônicos, de precisão e de comunicações.

TABELA 8 - SALDO DO EMPREGO FORMAL NO PARANÁ<sup>(1)</sup> - 1995-2010

ANO	SETORES (número de vagas)						TOTAL
	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros/Ignorado	
1995	-15 192	-2 923	-6 410	602	-1 448	44	-25 327
1996	-7 081	-2 096	-6 691	-16 109	-793	-35	-32 805
1997	4 464	278	6 529	-2 100	-1 000	-708	7 463
1998	-16 127	-3 658	-7 332	-4 695	-3 634	-211	-35 657
1999	3 137	-10 241	582	-1 295	-8 646	-186	-16 649
2000	8 475	-18	7 548	13 733	-1 866	271	28 143
2001	22 087	-6 701	14 536	22 888	1 026	21	53 857
2002	24 035	-1 376	21 872	14 299	-241	-	58 589
2003	18 066	-3 903	24 774	17 345	6 075	13	62 370
2004	49 092	1 417	35 049	30 151	6 938	1	122 648
2005	14 385	2 091	25 183	31 223	962	4	72 374
2006	23 697	5 955	21 205	34 294	1 245	-	86 396
2007	46 524	8 011	30 502	31 571	5 753	-	122 361
2008	22 765	13 713	33 067	35 278	6 080	-	110 903
2009	12 993	8 271	22 755	29 446	-4 381	-	69 084
Janeiro	-638	1 631	-912	2 456	-945	-	1 592
Fevereiro	-1 883	55	-109	5 994	-1 563	-	2 494
Março	2 958	428	1 191	3 261	3 004	-	10 842
Abril	2 504	-104	333	4 848	356	-	7 937
Mai	2 255	2 978	1 651	3 135	1 663	-	11 682
Junho	-109	31	2 179	2 661	1 202	-	5 964
Julho	2 855	1 206	1 956	1 048	-143	-	6 922
Agosto	3 880	2 025	3 116	5 676	-260	-	14 437
Setembro	6 672	1 274	3 536	2 673	-415	-	13 740
Outubro	4 931	1 323	4 742	2 456	-25	-	13 427
Novembro	3 764	1 040	6 852	4 607	-232	-	16 031
Dezembro	-14 196	-3 616	-1 780	-9 369	-7 023	-	-35 984
2010	49 530	21 540	22 994	49 621	5 461	-	149 146
Janeiro	5 236	3 416	234	4 881	144	-	13 911
Fevereiro	4 477	1 733	891	7 470	-861	-	13 710
Março	7 706	3 183	3 035	7 161	2 112	-	23 197
Abril	8 249	2 118	3 502	5 773	951	-	20 593
Mai	6 536	3 725	3 207	4 824	839	-	19 131
Junho	2 890	1 259	984	3 494	1 819	-	10 446
Julho	3 724	2 716	2 269	3 644	370	-	12 723
Agosto	5 904	2 789	4 516	7 793	395	-	21 397
Setembro	4 808	601	4 356	4 581	-308	-	14 038

FONTE: MTE - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Dado inexistente.

(1) Levantamento financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

TABELA 9 - PRODUTO INTERNO BRUTO DO PARANÁ E DO BRASIL - 2002-2009

ANO	PARANÁ <sup>(1)</sup>		BRASIL <sup>(1)</sup>	
	Valor (R\$ milhão) <sup>(2)</sup>	Varição Real (%)	Valor (R\$ milhão) <sup>(2)</sup>	Varição Real (%)
2002	88 407	...	1 477 822	...
2003	109 459	4,47	1 699 948	1,15
2004	122 434	5,02	1 941 498	5,71
2005	126 677	-0,01	2 147 239	3,16
2006	136 615	2,01	2 369 484	3,97
2007	161 582	6,76	2 661 345	6,09
2008 <sup>(3)</sup>	184 002	6,00	3 004 881	5,14
2009 <sup>(3)</sup>	191 378	-0,50	3 143 015	-0,19

FONTES: IPARDES, IBGE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Nova série das Contas Regionais (referência 2002) e das Contas Nacionais (referência 2000).

(2) Preços correntes.

(3) Estimativa do Iparde para o Paraná.

Permitida a reprodução total ou parcial desta publicação, desde que citada a fonte.

---

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL  
Rua Máximo João Kopp, 274 - Bloco 1 - CEP 82630-900 - Santa Cândida - Curitiba-PR - Tel.: (41) 3351-6335 - Fax: (41) 3351-6347  
Internet: <http://www.ipardes.gov.br> E-mail: [ipardes@ipardes.gov.br](mailto:ipardes@ipardes.gov.br)